

OXIGÊNIO

OUTUBRO 2023

o

NÚMERO 50

HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MASP



EDITORIAL

HISTÓRIAS. MEMÓRIAS. REVELAÇÃO. INVENÇÃO. RESSIGNIFICAÇÃO. AÇÃO. EFEITOS.
INSERÇÃO. OLHARES. PARA UM. PARA TODOS. REVOLTA. BELEZA. EQUILÍBRIO. HARMONIA.

Das diferentes visões sobre as *Histórias Indígenas* das Américas do Sul e do Norte, da Oceania e Escandinávia, exibidas no MASP, ao recorte inédito e surpreendente da *Coleção Andrea e José Olympio Pereira*, que oferece um momento especial de reflexão sobre os rumos da arte que trabalha as raízes mais fundas da ancestralidade brasileira, no Palácio Anchieta, em Vitória.

Da vida através do impensável, de Ana Calzavara, na Galeria Mul.ti.plo, Rio de Janeiro, que traz à luz pequenas plantas rebeldes e obstinadas, ao *Fio Partido*, de Alejandra Gonzáles Soca, que contém camadas de significados nas quais se superpõem contexto-objeto-sentidos-história, na 5ª. Bienal de Montevidéu.

Tudo é arte. Tudo aqui na Oxigênio.

Boa leitura!

Capa: Sandy Adsett (Raupunga, Nova Zelândia, 1939), *Série Koiri*, 1981
Foto – Jennifer French, Cortesia de *Auckland Art Gallery Toi o Tāmaki*, Nova Zelândia

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradores: Alejandra González Soca, Bruno Calixto, Maurette Brandt e Vanda Klabin

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Ele, Ela, os Outros* leva humor de Verissimo aos palcos | *Meu corpo está aqui* | Theatro Municipal de São Paulo tem coreografia inédita do Balé da Cidade, concerto para celebrar Verdi e Festival de Coros

11

MATÉRIA DE CAPA: No Masp, diferentes perspectivas sobre *Histórias Indígenas*

17

De onde surgem os sonhos?

22

Primeira mostra individual de Melissa Cody na América Latina acontece no Masp a partir do dia 20

27

“*Quiçaça*”, a vida através do impensável de Ana Calzavara, na Galeria Mul.ti.plo, RJ

30

“*A Linha Florescente*”

32

Gianguido Bonfanti: massas de energia no espaço

35

Primeira individual de René Machado em Minas Gerais

38

Onça-pintada: conheça Lúcia Martins Coelho Barbosa, a artista sul-mato-grossense que transforma o felino do Pantanal em arte pela sua preservação

41

“*Fio Partido*”

44

Pegadas do Pequeno Príncipe no Rio de Janeiro

47

MAPA, evento inédito de arte pública será lançado dia 9 em Itabira (MG)

49

Caboclos da Amazônia: Arquitetura, Design e Música, no museu A CASA do Objeto Brasileiro, SP

51

Passagens, filme de Ira Sachs, na MUBI

53

DIRETO DE LONDRES: Memórias afetivas de vida e arte



Foto: gaTú Filmes

Ele, Ela, os Outros leva humor de Verissimo aos palcos

No dia 4 de outubro, entra em cartaz no Teatro UOL (SP) o espetáculo *Ele, Ela, os Outros*, adaptação para o teatro de contos de Luis Fernando Verissimo, assinada por Amanda Mendes e Leonardo Neto. As sessões acontecem sempre às quartas e quintas, às 21 horas, até o dia 26 de outubro.

Com direção de Andréa Bassitt e elenco formado por Amanda Mendes e Rodrigo Frampton, a comédia romântica conta histórias engraçadas, emocionantes e inusitadas de um casal, bem ao estilo do autor. E começa no pueril despertar da paixão, quando Ele e Ela, ainda crianças, frequentavam a mesma matinê de carnaval.

O encontro anual segue até a adolescência, terminando sempre com a promessa de um reencontro no ano seguinte. Porém, 15 anos se passam, depois do último baile em que estiveram juntos. O que teria acontecido com eles durante esses anos? Na dramaturgia, Amanda e Leonardo trabalham com 13 contos do livro de Verissimo, *Histórias Brasileiras de Verão*, costurados a partir desta pergunta.

De forma bem humorada e muito divertida, a montagem explora as possíveis experiências que ambos teriam vivido nesse hiato. Amanda e Rodrigo interpretam diversas personagens, contando as histórias que,

talvez, tenham sido protagonizadas por Ele e por Ela. As cenas encadeiam as muitas fases típicas de um relacionamento afetivo: as expectativas que rondam os primeiros encontros, o fogo das paixões, os desencontros, a apatia e o renascer do amor.

Amanda Mendes conta que o processo dramatúrgico foi prazeroso: *“Luis Fernando Verissimo nos entrega as histórias prontas, diretas, contundentes nos seus propósitos. Seus contos são deliciosos porque trazem a vida cotidiana sem enfeites, sem retoques, com a leveza do seu humor, e nos coloca dentro do enredo”*. Ela completa: *“Nosso trabalho foi inserir as histórias, vividas no espetáculo pelas personagens, na cronologia proposta e, assim, compor um enredo com essas cenas cotidianas fragmentadas, além de contextualizá-las em uma leitura mais alinhada com os dias atuais”*.

A diretora Andréa Bassit ressalta a importância da escolha de Verissimo para compor *Ele, Ela, os Outros*. *“Gosto muito de sua escrita, cheia de leveza e frescor, mesmo nos temas mais complexos – o que nos facilita realizar um espetáculo divertido e com fluidez. A simplicidade genial de sua escrita permite a curva necessária à dramaturgia. Além do mais, é um autor brasileiro, que escreve sob a ótica brasileira”*.

O cenário — assinado por Chris Aizner — se transforma a cada cena. *“Painéis que se movem, praticáveis e adereços compõem um cenário lúdico, principalmente nas trocas de ambientes que contam com a participação efetiva dos atores. As mudanças são coreografadas e ocorrem aos olhos da plateia, unindo cada uma das histórias que compõem a dramaturgia. Contamos com a colaboração do coreógrafo Israel Plínio para a elaboração desses movimentos”*, explica a diretora. O mesmo ocorre com os figurinos de Fábio Namatame, marcados por diversas trocas ao longo do espetáculo.

SERVIÇO

Espetáculo *Ele, Ela, os Outros*

Estreia: 4 de outubro – Quarta, às 21h

Temporada: 4 a 26 de outubro

Quartas e quintas, às 21h

Teatro UOL

Shopping Pátio Higienópolis, Av. Higienópolis, 618, Terraço, São Paulo / SP – Tel.: (11) 3823-2323

Capacidade: 300 lugares

Ingressos: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia-entrada)

Gênero: Comédia | Duração: 60 minutos

Classificação: 12 anos

Na rede: [@eleelaosoutros](https://www.instagram.com/eleelaosoutros)



Foto: gaTú Filmes

“MEU CORPO ESTÁ AQUI”

Espectáculo inédito com dramaturgia a partir das experiências de afeto e sexualidade de atrizes e atores PCDs, “Meu Corpo Está Aqui” estreia na noite de 7 de outubro, sábado, no Teatro Gláudio Gill, em Copacabana, RJ



“*Meu Corpo Está Aqui*” é um espetáculo teatral inédito baseado nas experiências pessoais de Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes, atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência), em que eles próprios estão em cena falando abertamente sobre seus relacionamentos, seus corpos, seus desejos.

Uma mistura de depoimentos ficcionalizados por Julia Spadaccini, também pessoa com deficiência, e Clara Kutner retratam o jogo entre as pulsões e os obstáculos que se apresentam nas descobertas e nas experiências de afeto e sexualidade em corpos PCDs. Um tema original e inédito nos palcos, que se aprofunda na reflexão desses corpos invisibilizados socialmente.

No elenco, Bruno Ramos é surdo não oralizado, Haonê Thinar é pessoa amputada, Juliana Caldas tem nanismo e Pedro Fernandes tem paralisia cerebral com cognitivo preservado e é usuário de cadeira de rodas.

– *O nosso corpo é um importante veículo de comunicação. É através dele que expressamos nossos desejos, angústias e satisfações. Estar com o corpo presente e pleno é fundamental*

para se sentir segura e potente. Seja qual corpo for. O corpo é a nossa identidade, a nossa assinatura visível. O encontro com esses atores e com essas histórias me dá a oportunidade de colocar o meu trabalho a serviço dessa pauta tão necessária e urgente, e isso me traz muita satisfação. Estar à frente de um projeto dessa relevância é uma grande responsabilidade, um grande aprendizado, uma grande realização – declara Claudia Marques, diretora de produção e coordenadora geral do projeto.

Em “*Meu Corpo Está Aqui*” a ficção entra como um elemento reflexivo, pelo fato de conectar o público com as semelhanças que existem entre todos nós e que são encobertas pelo preconceito e pela falta de conhecimento. Pessoas com deficiência vivem em um corpo e

em uma essência que é viva. Não precisam desfrutar de suas histórias no silêncio, nem ser infantilizadas em tentativas de apagamento que remontam a concepções culturais e históricas a respeito do que é considerado “normal”.

– Escrevo para teatro há 20 anos; penso nesse projeto há mais três. Fazer uma dramaturgia voltada para uma questão que também me inclui é uma realização pessoal muito grande. Ser uma autora PCD, e estar num projeto onde todos em cena também são, é uma vivência de vasta inclusão –, comenta Julia Spadaccini, que é deficiente auditiva.

– Precisamos de PCDs protagonizando filmes, peças, programas de TV. Especialmente num cenário de amor



e sexo. A peça vem para jogar luz, justamente, nessa grande invisibilidade que acomete o corpo com deficiência, seus desejos, amores e sexualidade –, conclui Julia.

Em 2018, Clara Kutner iniciou parceria com o artista visual e consultor de acessibilidade Emanuel de Jesus, para o projeto *Acessibilidade em Movimento*. A partir da ideia de *outrar*, que é a necessidade de se colocar no lugar do outro para viver em coletividade, surgiu *SOM*, uma coreografia para surdos, instalação vibratória que ficou exposta no Oi Futuro, em 2019, e uma série de videodança chamada *Já!*.

– Foi incrível quando Julia me convidou para essa parceria. Penso o “Meu Corpo Está Aqui” como uma peça de desejo-manifesto onde os atores se misturam, se embolam, celebram seus corpos, com algumas histórias tristes, uma dose alta de ironia e muitas perguntas que não temos como responder. Queremos levantar questões e embaralhar a lógica da eficiência –, afirma Clara Kutner.

“Meu Corpo Está Aqui” tem patrocínio do Programa de Fomento à Cultura Carioca – FOCA II da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Cultura, com apoio institucional do Governo do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro. Durante a temporada, todas as apresentações terão intérprete de Libras e acessibilidade para autistas; haverá também uma sessão com áudio-descrição no dia 23/10.



Da esquerda para a direita: Julia Spadaccini, Claudia Marques e Clara Kutner

Foto: Renato Mangolin

SERVIÇO

Espectáculo “Meu Corpo Está Aqui”

Teatro Gláucio Gill

Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ

Próximo à Estação Cardeal Arcoverde do Metrô Rio

Estreia: 7 de outubro

Temporada: 7 a 30 de outubro

Sábados e segundas às 20h; domingos às 19h

Ingressos: R\$ 40,00 (inteira) e R\$ 20,00 (meia)

Bilheteria: segunda a sexta a partir das 16h, sábado e domingo a partir das 14h

Vendas antecipadas online:

<https://funarj.eleventickets.com>

Classificação indicativa: 16 anos | Duração: 60 minutos



Foto: Wilfredor / Wikipédia

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

tem coreografia inédita do Balé da Cidade,
concerto para celebrar Verdi e Festival de Coros

Neste mês, o Balé da Cidade de São Paulo, em sua primeira apresentação sob o comando de Alejandro Ahmed, apresenta Sixty Eight em Axys Atlas e estreia uma coreografia nova de Davi Pontes. Outubro é também o mês de aniversário de Giuseppe Verdi, um dos compositores mais celebrados do período romântico. Para interpretar sua Missa de Réquiem, o Coro Lírico se une à Orquestra Sinfônica Municipal



Coreografia
Sixty Eight
em Axys Atlas
Foto: Rafael Salvador
/ Divulgação

Aos Deuses e aos Homens – Réquiem de Verdi foi a obra escolhida para homenagear os 210 anos do compositor italiano Giuseppe Verdi, considerado uma das figuras mais influentes do século XIX. Serão duas apresentações, nos dias 6 e 7, com a Orquestra Sinfônica Municipal regida por Alessandro Sangiorgi, e a presença de quatro solistas: a soprano Tatiana Carlos, a mezzo-soprano Isabel de Paoli, o tenor Paulo Mandarino e o baixo Luiz-Ottavio Faria.

Entre os dias 19 e 27, sob o comando de Alejandro Ahmed como novo diretor artístico da companhia, o Balé da Cidade de São Paulo apresentará *Sixty Eight em Axys Atlas*, com trilha da dupla de artistas sonoros mineiros *O Grivo*, obra coreografada pelo atual diretor e que será remontada após a estreia em 2022. Outra coreografia, esta inédita, será apresentada na mesma noite, de autoria de Davi Pontes, coreógrafo e pesquisador que está entre os artistas presentes na 35ª Bienal de São Paulo.

Além disso, o *Festival de Coros* no dia 22 de outubro. Participam do encontro desse ano, o Coral Jovem da EMM, sob regência de Maíra Ferreira; *Grupo Mosaico*, sob regência de Luís Anselmi; e *Coral Paulistano*, sob regência de Isabela Siscari e maestros convidados

Bruno Costa e Danielly Souza. No repertório serão apresentadas obras de Gilberto Gil, Ronaldo Miranda, Almeida Prado, Aylton Escobar, Osvaldo Lacerda, Carlos Alberto Pinto Fonseca, Antonio Ribeiro, entre outros.

SERVIÇO

Concerto *Aos Deuses e aos Homens – Réquiem de Verdi*

Dia 6, sexta-feira, às 20h, e 7, sábado, às 17h

Theatro Municipal – Sala de Espetáculos

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP

Capacidade da Sala de Espetáculos: 1503 pessoas

Duração total aproximada: 90 minutos

Ingressos: de R\$ 12 a R\$ 64 (inteira).

Balé da Cidade de São Paulo apresenta *Sixty Eight em Axys Atlas e Variação*

Dias e Horários:

19, 20, 24, 25 e 27 de outubro – 20h

21 e 22 de outubro – 17h

Duração: aproximadamente 80 minutos, incluindo o intervalo

Classificação indicativa:

Não recomendado para menores de 18 anos

Ingressos: de R\$ 12,00 a R\$ 84,00 (inteira)

Festival de Coros, com o Coral Paulistano

Dia 22 de outubro, às 11h

Duração total: 60 minutos

Ingressos: R\$ 5

NO MASP, DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE HISTÓRIAS INDÍGENAS



Duhigó (São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil, 1957), *Nepu Arquepu (Rede Macaco)*, 2019

Foto: Edson Kumasaka

Exposição coletiva traz diferentes olhares sobre as histórias indígenas da América do Sul, América do Norte, Oceania e Escandinávia através da arte



Clifford Possum Tjapaltjarri (Alice Springs, Austrália, 1932-2002),
Bush-fire II (Incêndio silvestre II), 1972

Foto: National Gallery of Australia

Em colaboração com o Kode Bergen Art Museum, Noruega, o Masp apresenta grande mostra coletiva – *Histórias indígenas* – que irá ocupar as galerias do 1º andar e 2º subsolo do museu, entre 20 de outubro desse ano e 25 de fevereiro de 2024, quando a exposição seguirá para o museu norueguês, onde permanecerá até 25 de agosto de 2024.

Levar em conta o significado particular do termo “história” é importante para compreender a exposição. Ele abrange tanto a ficção quanto a não ficção – relatos históricos e pessoais, de natureza pública e privada, em

nível micro ou macro – possuindo, assim, um caráter mais polifônico, especulativo, aberto, incompleto, processual e fragmentado do que a noção tradicional de História. Em norueguês, o termo partilha um duplo significado semelhante: pode ser tanto uma interpretação do passado como uma narrativa pessoal.

E apesar de seu alcance internacional e de sua amplitude temporal, o projeto não assume uma abordagem totalizante nem enciclopédica – pelo contrário: o objetivo é fornecer um corte transversal dessas histórias em uma seleção concisa e relevante, para que esse recorte possa ser justaposto com outros de diferentes partes do mundo.

Com essa premissa, por meio da arte e das culturas visuais, a mostra coletiva apresenta variados prismas das histórias indígenas da América do Sul, América do Norte, Oceania e Escandinávia, dividida em oito núcleos. Sete deles são dedicados a diferentes regiões do mundo – *Relações que nutrem: família, comunidade e terra* (Canadá); *A construção do "eu"* (México); *Histórias de pintura no deserto* (Austrália); *Pachakuti: o mundo de cabeça para baixo* (Peru); *Rompendo a representação* (Maori, Nova Zelândia); *Tempo não tempo* (Brasil); e *Várveš: escondidos do dia* (Sami, Noruega). O oitavo, *Ativismos*, é um núcleo temático organizado por todos os curadores da mostra.

A grande coletiva inicia-se no 1º andar com o núcleo **Ativismos**, que reúne trabalhos de diferentes movimentos sociais indígenas em formatos variados, como bandeiras, fotografias, vídeos, pinturas e pôsteres.

“O núcleo pretende mostrar várias formas de luta, e nos faz um convite para sairmos do estado de dormência que, por vezes, nos encontramos. Se o corpo é território de colonizações, também pode ser território de descolonizações, principalmente na medida em que é acionado artisticamente como potência política subversiva”, afirmam os curadores Edson Kayapó, Kássia Borges Karajá e Renata Tupinambá.

Um exemplo dessa ressignificação é a fotografia *Retomando o poder | Movimento Nacional dos Povos Indígenas*, de Edgar Corrêa Kanaykô, que retrata a

mobilização geral dos povos indígenas brasileiros no evento anual Acampamento Terra Livre (ATL), demonstrando as atuais conquistas de grupos indígenas em espaços de poder e de tomada de decisão.

Os laços familiares e comunitários são ressaltados no núcleo ***Relações que nutrem: família, comunidade e terra***, com curadoria de Alexandra Kahsenni:io Nahwegahbow, Jocelyn Piirainen, Michelle LaVallee e Wahsontiio Cross. Nele, as cosmovisões indígenas são construídas em torno de uma constelação de relações entre gerações, culturas e territórios. O senso de comu-



Acelino Tuin
Huni Kuin,
Movimento dos
Artistas Huni
Kuin (MAHKU),
Kapewë pukeni
(Jacaré-ponte),
2022

Foto: Daniel Cabrel

nidade dos espaços compartilhados no cotidiano é observado na obra *The Visit (A visita)* (1987), de Jim Logan, em que uma experiência costumeira, no local onde a comunidade passa o tempo reunida de forma simples e amorosa, se transforma em um evento extraordinário.

Já o cuidado com a terra, constantemente nutrido e sentido de forma profunda, está presente no trabalho de Melissa General. Na obra *Nitewaké:non (O lugar de onde vim)* (2015), a artista apresenta uma paisagem verde que contrasta com o vermelho profundo da roupa de uma mulher, que deixa rastros de seus movimentos pelo chão da floresta. Por se tratar de um autorretrato, o trabalho afirma, de maneira poderosa, a presença indígena e a reconexão da artista com seu território das Seis Nações do Grande Rio.

A questão da identidade como um conceito plural, instável e contraditório do “eu” é o tema do núcleo **A construção do “eu”**. Os trabalhos reunidos nessa seção questionam a construção de representações mexicanas, sem uma organização linear ou cronológica. Para ilustrar as diferentes formas de representação, contrapõem-se as obras *Casamiento de indios (Casamento de índios)* (circa 1931), de Alfredo Ramos Martínez (1871-1946), que sintetiza a representação padrão dos povos indígenas, e *Autorretrato 61* (2007), de Francisco Toledo, com uma série de polaroids de si fazendo gestos e criando um “eu” múltiplo e instável.

Para o curador Abraham Cruzvillegas, “um ‘eu’ coletivo, que inclui todos os mundos possíveis, é essencial para uma mudança na compreensão e na construção da co-

munidade, da arte, da natureza e, finalmente, do universo, em paralelo ao mundo ocidental hegemônico. Por outro lado, um único corpo também pode representar uma infinidade de diversidade e identidades e valores simultâneos contraditórios”.

Em **Histórias de pintura no deserto**, o curador Bruce Johnson-McLean coloca em debate a grande diversidade de tradições culturais, experiências e expressões artísticas resultantes da arte aborígene na Austrália atualmente. Artistas como Yala Yala Gibbs Tjungurrayi (circa 1928-1998) e Clifford Possum Tjapaltjarri (1932-2002) começaram a produzir obras de importância na-

Jessica Hinerangi (Dunedin, Nova Zelândia, 1996)
Āheahea (Arco-íris), da série *Tino Rangatiratanga*, 2022
Foto: Coleção do artista





Outi Pieski (Helsinque, Finlândia, 1973)
Crossing Paths (Caminhos cruzados), 2014
 Foto: Nordnorsk Kunstmuseum / Kim G. Skytte

cional e internacional, atraindo cada vez mais atenção e reconhecimento para o movimento da pintura nas décadas de 1980 e 1990. Quando essas obras passaram a circular pelo circuito de arte mais amplo, a popularidade da pintura de “pontos” cresceu rapidamente. Em poucos anos, esse estilo artístico tornou-se sinônimo do povo e da cultura aborígenes e uma parte icônica do vernáculo cultural australiano.

2° SUBSOLO

Pachakuti: o mundo de cabeça para baixo tem curadoria da artista peruana Sandra Gamarra, que se inspirou no texto *Nueva Crónica y Buen Gobierno (Nova crônica e bom governo)*, de Guamán Poma de Ayala (1534–1615), para a seleção das obras. Na crônica, um indígena escreve uma carta direcionada ao governo espanhol com o objetivo de questionar o sistema colonial que havia virado o mundo dos habitantes dos Andes de cabeça para baixo. “*Esse mundo virado do avesso, essa insubordinação geral das ordens, é o que os povos originários destas terras chamam de pachakuti: uma subversão da ordem das coisas, do binômio espaço-tempo. Desde então, o indígena tem vivido equilibrando-se permanentemente entre esses*

dois mundos: o seu — que sobrevive graças aos seus conhecimentos ancestrais —, e o outro, do qual o seu depende e que sempre lhe dá as costas”, pontua Sandra Gamarra. A obra *Homenaje a los mártires de la batalla de Azapampa 1820 (Homenagem aos mártires da batalha de Azapampa 1820)* (2021), de Antonio Paucar, é um dos destaques.

Rompendo a representação reúne obras de artistas maori, nativos da Nova Zelândia, que abordam a importância da arte, das pessoas, da terra e da autoridade. De acordo com o curador e artista maori Nigel Borell, “*os artistas estão conectados pelo senso de arte maori (whakapapa) — que perdurou apesar da ruptura causada pelo domínio colonialista —, e se referem coletiva e estrategicamente ao impacto da colonização, enquanto recuperam as formas maoris de centralizar a prática artística para fortalecer sua visão de mundo, reformulando ideias de representação no processo*”. O artista Sandy Adsett exemplifica esta visão com a *Série Koiri* (1981), que trouxe novas interpretações à pintura maori (Kōwhaiwhai), introduzindo diferentes cores e designs a uma arte que estava padronizada desde a colonização britânica.

Para os povos originários, o mundo é composto da atemporalidade que atravessa toda a criação da humanidade. O núcleo ***Tempo não tempo*** convida o espectador a uma jornada de descobertas de outros olhares culturais sobre a temporalidade, revelando expressões e relações diversas com o espaço, na preservação da existência pautada em ciclos da natureza, que dialogam com o visível e o invisível. Com curadoria de Edson Kayapó, Kássia Borges Karajá e Renata Tupinambá, curadores-adjuntos de arte indígena, MASP, o núcleo é dividido nas subseções “*Mitos e ancestralidade*”, “*Grafismos*”, “*Autorrepresentações*” e “*Vida cotidiana*”.

“*O intuito é refletir sobre as histórias da criação, das mulheres, dos homens, dos velhos, das crianças, das encantarias, dos ritos, da espiritualidade, do cotidiano, da educação e da contemporaneidade do agora, que não abandona as raízes da tradição e é correnteza de passado e presente*”, refletem os curadores. Cabe destacar a obra *Nepu Arquepu (Rede macaco)* (2021), de Duhigó, que retrata um ritual de nascimento de um bebê do povo Tukano, enfocando o universo feminino do parto e o descanso da mãe na rede macaco, eternizando, assim, uma marca cultural.

Várveš: escondidos do dia, núcleo composto por trabalhos de artistas indígenas sami, Escandinávia, traz o conceito da palavra *várveš*, que significa um estado de

espírito ou a capacidade de perceber algo antes que os outros percebam, conferindo às obras uma característica de prenúncio. Com curadoria de Irene Snarby, Kode, as obras representam o relacionamento forte e íntimo dos sami com a natureza e a terra, muitas vezes manifestado através do *duodji* – um termo que engloba a cosmovisão, a espiritualidade, o conhecimento, as concepções de natureza, a criatividade e a criação de objetos que refletem a vida dos sami.

A instalação de franjas de Čiske-Jovsset Biret Hánsa Outi (OutiPieski), *Crossing Paths (Caminhos cruzados)* (2014), traz a visão do artista sobre a tradição duodji, que se baseia em um estilo de vida nômade e na herança espiritual encontrada na natureza, que se revela especialmente no caminhar, uma maneira prática de entrar no mesmo ritmo que outras criaturas da natureza.

SERVIÇO

Exposição *Histórias indígenas*

De 20 de outubro a 25 de fevereiro de 2024

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
Avenida Paulista, 1578 — Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h);
quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);
fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

www.masp.org.br

“DE ONDE SURGEM OS SONHOS?”



Arjan

Foto: Divulgação

Um recorte inédito e surpreendente da coleção Andrea e José Olympio Pereira, uma das mais importantes do mundo, será exibido em Vitória –ES, a partir do dia 16. A mostra, com o patrocínio do Instituto Cultural Vale, tomará o espaço expositivo do Palácio Anchieta com obras que têm a natureza como potência criativa, em diálogo com o registro dos povos originários, afrodescendentes e da tradição dita popular



Bruno Novelli, *Tiamat*

Foto: Divulgação

Sob o arguto olhar da curadora Vanda Klabin, a exposição *“De onde surgem os sonhos?”* oferece um excelente momento de reflexão sobre os rumos da arte que trabalha as raízes mais fundas da ancestralidade brasileira. A mostra tem o título inspirado na obra de Jaidier Esbell, um dos artistas Macuxi mais renomados de Roraima, cuja obra está presente no acervo da coleção. Escritor, artista, arte-educador, geógrafo, curador e ativista dos direitos indígenas, Esbell faleceu em novembro de 2021.

Guiada pela ideia de paisagem, como um arcabouço teórico que fundamenta a construção cultural do nosso olhar, a curadoria desenvolveu uma mostra fluida e aberta à percepção do espectador, que articula diferenciados “modos de ver.” Não há núcleos: o espaço expositivo desabrocha, as obras emergem sem obedecer a nenhuma cronologia linear ou pautadas por vínculos temáticos, possibilitando ao visitante a oportunidade de se conduzir pelo seu próprio olhar, por sua curiosidade e sua percepção do belo, das novas possibilidades, das inquietações e seus múltiplos significados, para refletir sobre a nossa história.

A ruptura do pressuposto histórico, em busca da favorável compreensão do presente, revela uma fissura inevitável e permite uma revisão dos significados tradicionais da historiografia oficial. *“De onde surgem os sonhos?”* exibe uma nova estética da diversidade brasileira e suas inúmeras singularidades, ao incluir obras complexas e suas poéticas que mesclam as suas vivências e seus saberes com as experiências mitológicas, religiosas, profanas, oníricas ou filosóficas, que estão impactando a esfera da cultura brasileira.

OLHARES RENOVADOS

“As rotas estéticas que nortearam esse recorte da coleção de Andrea e José Olympio têm seu território germinal na arte contemporânea brasileira e se misturam com a própria história recente da nossa cultura visual” – declara Vanda Klabin. *“A maioria dos nossos principais artistas, de diferentes origens e percursos e*

com experiências artísticas variadas, estão representados nesse acervo de indiscutível relevância” – comemora.

A mostra apresenta demarcações diferenciadas no acervo do casal – e aviva um novo olhar, que repensa a experiência artística em outras veredas, outros roteiros e interpretações, à luz de uma percepção renovada sobre o papel da arte originária, da arte popular e da arte afrodescendente. Isso é o que traz legitimidade a toda uma produção antes considerada “periférica” e, por isso, com pouca visibilidade no campo cultural brasileiro.

Vale destacar que muitas das novas aquisições são representativas de artistas contemporâneos de diferentes regiões do país – que, inclusive, transitam por linguagem variadas e mídias diversas. Mais do que isso: essas obras têm uma aproximação singular com a arte

Jaider Esbell
Foto: Filipe Berndt



indígena, dos povos ancestrais, dos afrodescendentes e da arte popular. – *São obras que se integram ao tecido da vida e ao circuito da arte* – frisa a curadora.

ARTE COMO PONTE, PAISAGEM COMO ROTA

Marca presença na mostra o Movimento dos Artistas Huni Kuin – MAHKU, representado por duas obras de Acelino Sales Tuin: *Nahene Wakame* (2022) e *Txain Punke Ruaken* (2021). O coletivo de pesquisadores e artistas Huni Kuin, povo indígena que vive entre o Acre e o Peru, tem suas origens ligadas às pesquisas de Ibã Sales e de seus três filhos: Acelino, Bane e Maná, em torno dos hunimeka, cantos da ayahuasca na língua hãtxkuin. Esses artistas transformam e criam pontes em direção aos não indígenas por meio de murais e desenhos – ao mesmo tempo em que constroem alianças e fortalecem suas próprias estratégias de autonomia.

A paisagem representa o percurso múltiplo e heterogêneo dessa arte, por ser, ela mesma, objeto inesgotável de representação do embate permanente do homem com a natureza. – *Neste momento-agora, homem, natureza e paisagem estão todos juntos num mergulho profundo na cultura brasileira, tanto de forma invocatória quanto reconvocatória* – explica Vanda Klabin. – *O olhar para a natureza é o vetor que conecta todas as produções artísticas presentes na mostra* – observa.

UMA COLEÇÃO COMO POUCAS

Famosa no mundo inteiro, a coleção de Andrea e José Olympio Pereira tem foco na produção brasileira a partir dos anos 1940 até o momento atual e reúne algo em torno de 2.500 obras com foco na produção brasileira.

SERVIÇO

Exposição *De onde surgem os sonhos?*

Coleção *Andrea e José Olympio Pereira*

Realização: Museu Vale | Instituto Cultural Vale

De 16 de outubro a 31 de janeiro de 2024

Palácio Anchieta

Praça João Clímaco, s/n, Centro, Vitória / ES

Horário de funcionamento:

Terça a sexta-feira: das 8h às 18h

(início da última sessão às 17h)

Sábados, domingos e feriados: das 9h às 16h

(início da última sessão às 15h)

Entrada gratuita | Classificação livre

Thiago Martins de Melo

Foto: Divulgação





Marina Rheingantz
Foto: Divulgação



Primeira
mostra
individual
de
MELISSA
CODY
na América
Latina
acontece
no Masp
a partir
do dia 20

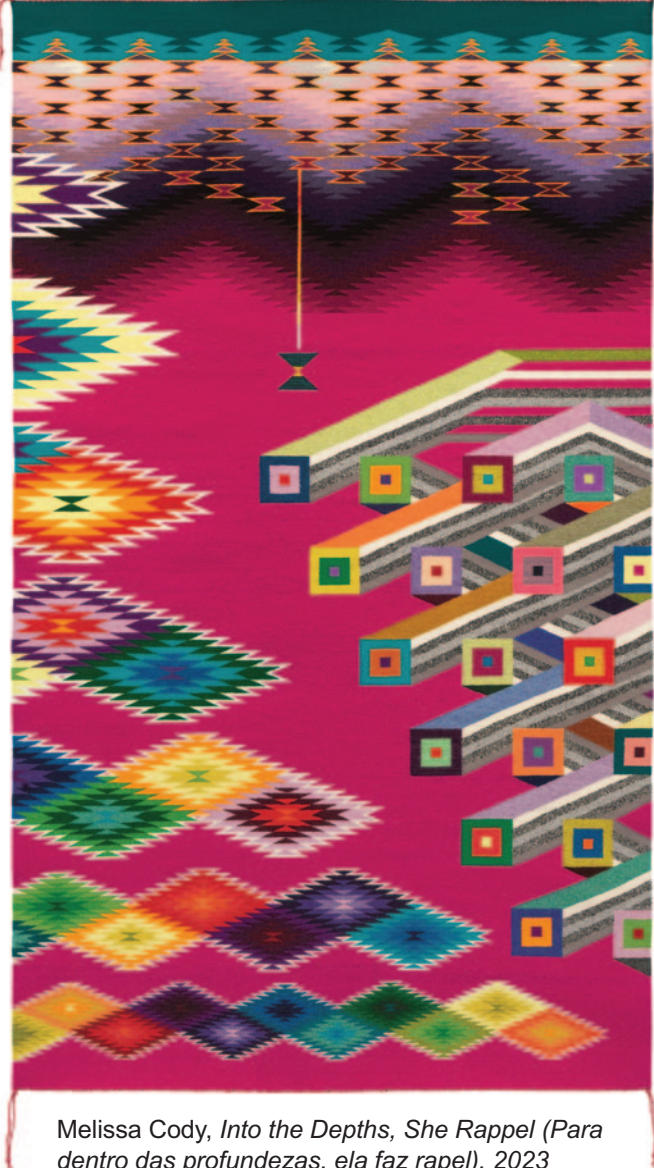
*Organizada em parceria
com o MoMA PS1, a
exposição reúne 26 obras
têxteis que mesclam
símbolos e padrões
tradicionais da tapeçaria
navajo com referências
pessoais da artista, que
vão do mundo pixelado
dos computadores às
paisagens do Arizona*

Melissa Cody, *Path of the Snake (Caminho da cobra)*, 2013
Foto: Cortesia da artista e Garth Greenan Gallery, Nova York

Com curadoria de Isabella Rjeille, MASP, e Ruba Katrib, MoMA PS1, a exposição reúne 26 obras têxteis da artista, produzidas a partir de um tradicional tear navajo. Em uma vitrine, também serão exibidas ferramentas utilizadas pela artista na confecção de seus trabalhos, além de registros de seu processo, ampliando dessa forma o conhecimento sobre essa prática milenar e seus significados dentro da cosmovisão *diné*. Organizada pelo MASP e MoMA PS1, após a permanência no museu paulista, a exposição será exibida no MoMA PS1, entre 4 de abril e 2 de setembro de 2024. A mostra tem apoio da *Terra Foundation for American Art*.

Diné significa “o povo” e é o nome autodeterminado pelo povo indígena também conhecido como Navajo. Ambos são empregados atualmente, embora o uso do termo Diné em contextos não indígenas seja mais recente. Melissa Cody (No Water Mesa, Nação Navajo, Arizona, Estados Unidos, 1983) cresceu entre a reserva indígena Nação Navajo, Arizona, e o sul da Califórnia, onde vive atualmente. A artista se define como uma “criança dos anos 1980”, tendo crescido tanto sob a influência da cultura navajo quanto do universo pixelado dos primeiros videogames e computadores.

Na cosmovisão diné/navajo, a tecelagem é uma tecnologia transmitida às mulheres pela figura sagrada de Na’ashjéii Asdzáá, a Mulher-Aranha, o que as torna centrais para a manutenção de suas comunidades. Herdeira desse conhecimento ancestral, Cody faz parte da quarta geração de artistas de sua família. Ao longo da história, a tecelagem navajo teve seus símbolos, cores, materiais e técnicas atravessados pelos efeitos das tro-



Melissa Cody, *Into the Depths, She Rappel (Para dentro das profundezas, ela faz rapel)*, 2023

Foto: Cortesia da artista e Garth Greenan Gallery, Nova York

cas culturais e explorações comerciais, assim como por processos de migrações forçadas.

Pelo uso de padrões e cores vibrantes, os trabalhos de Cody são comumente associados ao movimento “*Germantown Revival*”, que nasceu após o trágico episódio conhecido como a “*Longa Caminhada*” (1863–1866). Com intuito de expulsar os navajo de seu território, militares queimaram suas casas e destruíram rebanhos, forçando-os a migrar do Arizona ao Novo México, onde

foram aprisionados no campo militar de Bosque Redondo, em Fort Sumner, e obrigados a assimilar a cultura estadunidense. Durante esse processo de migração forçada, as tecelãs criaram estratégias para continuar trabalhando, desfiando cobertores oferecidos por oficiais e incorporando seus fios nas tecelagens.

A incorporação desse tipo de lã comercial, produzida em Germantown, Pensilvânia, com cores vibrantes obtidas através do tingimento por anilina, abriu novos horizontes de experimentação em meio a uma situação de confinamento. Nesse sentido, essa prática tornou-se fundamental para a sobrevivência e resistência cultural diné/navajo. *“A inclusão desse novo elemento foi crucial para a continuidade e inovação de uma tecnologia ancestral, colocando em questão a ficção colonial que insiste em fixar culturas indígenas a uma ideia imutável de 'tradição' associada a um passado idílico”,* elucida a curadora Isabella Rjeille.

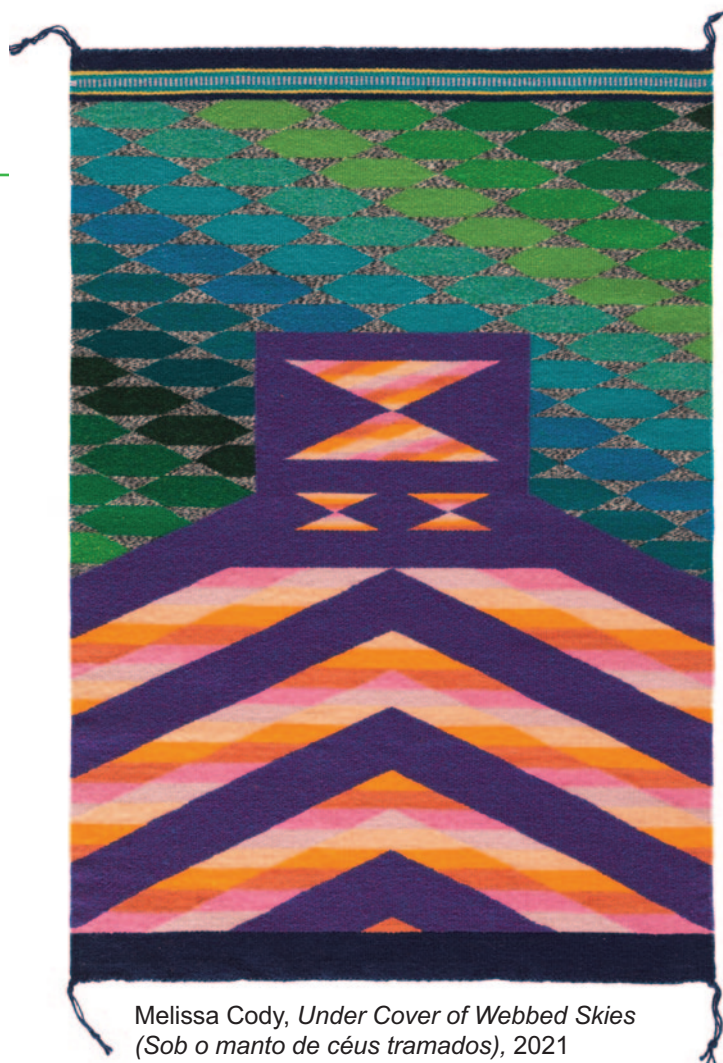
Na tapeçaria navajo, a cor, os padrões, os símbolos e materiais carregam significados com os quais Cody trabalha para tecer novas narrativas diante do tear. Como indica a tradição, cada tapeçaria é concebida diretamente no tear, sem nenhum desenho prévio. Por meio de um habilidoso uso das cores, formas e combinações, Cody cria obras de pequenas, médias e grandes dimensões, desafiando a própria mídia e criando ilusões óticas de tridimensionalidade. Como afirma a curadora Ruba Katrib, *“a enorme habilidade necessária para conferir simetria e variação à peça finalizada não pode ser subestimada. A confiança na memória e nas combinações matemáticas é fundamental para essa prática, destacando o fato de que a tecelagem é uma tecnologia*

que também levou à criação de nossa era digital à qual Cody reage nos temas de sua obra”.

A obra *Germantown Sampler (Amostra de Germantown)* (2011) é exemplar da maneira como a artista pensa o diálogo entre as cores e formas na escrita desse texto. No trabalho, o tradicional diamante serilhado tem seus tons claros de verde, azul e rosa gradualmente mesclados com cores vibrantes, como o vermelho, o laranja e o marrom (uma referência ao uso das cores vibrantes da lã de Germantown na história Navajo, bem como uma alusão ao papel da criatividade na resistência ao apagamento colonial). Há também uma invasão de linhas pretas e cinza, que criam um efeito *glitch* sobre o padrão ancestral, acrescentando mais uma camada a essa história: a influência do universo digital na produção têxtil de Cody.

Já na obra *Navajo Transcendent (Navajo transcendente)* (2014), a artista traz outro aspecto de sua cultura para reflexão, propondo uma ruptura com as formas coloniais de leitura da produção diné/navajo ao resgatar o *whirling log (tronco que gira)*, um símbolo diné milenar e sagrado associado à cura, à criação do povo e a sua relação com o espiritual que, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser erroneamente confundido com uma suástica, desaparecendo das tapeçarias navajo comercializadas nos Estados Unidos.

Rjeille explica que *“nessa peça, um símbolo comumente representado por um desenho plano ganha volume, como que rompendo com a bidimensionalidade da própria mídia e saltando em direção ao espectador”.*



Melissa Cody, *Under Cover of Webbed Skies*
(*Sob o manto de céus tramados*), 2021

Foto: Cortesia da artista e Garth Greenan Gallery, Long Beach, Califórnia e Nova York

Cody também é conhecida por suas tecelagens de grandes proporções, como a monumental *The Three Rivers (Os três rios)* (2021), produzida durante a pandemia da Covid-19 e dividida em quatro partes. Nessa obra, a artista traduz a experiência vivida por ela durante o período. Já na obra *Into the Depths, She Rappels (Para dentro das profundezas, ela faz rapel)* (2023), Cody traz uma referência à história da Mulher-Aranha, com vibrantes cores que remetem ao arco-íris.

O título da exposição, *Céus tramados*, se inspira no trabalho intitulado *Under Cover of Webbed Skies (Sob o manto de céus tramados)* (2021), uma obra que con-

juga a relação entre a história da tecelagem, seu território ancestral e a transmissão dos conhecimentos da Mulher-Aranha entre gerações. A obra pode ser dividida em dois planos, como uma paisagem: o céu, representado pelos tons de azul e verde na parte superior, e a terra, representada pelas formas triangulares em roxo, rosa e laranja, que se assemelham a uma montanha. No centro da obra, há um quadrado com três formas que lembram ampulhetas, símbolo que representa a Mulher-Aranha e que, ao ser reproduzido como um padrão geométrico, remete à trama acinzentada de uma teia que enreda o céu nessa obra.

As três ampulhetas no centro fazem referência a Cody e à geração de tecelãs que virão depois dela, como suas filhas ou filhos e possíveis netas e netos. A artista posiciona as ampulhetas no topo das formas triangulares, que, por sua vez, simbolizam uma das montanhas sagradas do território ancestral de Cody. A Mulher-Aranha habita o cume dessa montanha, reforçando o vínculo entre a prática artística e o território, bem como a importância de reconhecê-lo e respeitá-lo como terra indígena.

“‘Céus tramados’ foi o título escolhido, portanto, para a primeira exposição de Cody na América Latina, pois o céu é um elemento comum a todos os territórios. Como um grande manto azul que paira sobre todos os seres que vivem abaixo dele, os céus tramados de Cody se estenderiam para além de Dinétáh, a terra ancestral do povo diné/navajo, conectando em sua trama diferentes possibilidades de narrativas e modos de viver,

entrelaçando cosmologias, territórios e sujeitos na criação, preservação e reivindicação de memórias e histórias, fazeres e saberes”, pontua Isabella Rjeille.

SOBRE MELISSA CODY

Melissa Cody é uma artista têxtil navajo/diné nascida em 1983, em No Water Mesa, Nação Navajo, no Arizona, Estados Unidos. Vive e trabalha em Long Beach, Califórnia. Desde 2014, o trabalho da artista integrou exposições coletivas em diversos museus e galerias dos Estados Unidos, México e Canadá. Em 2017, a artista realizou a exposição individual *Future Tradition: Melissa Cody*, no *Houston Center for Contemporary Craft*, em Houston. Seu trabalho faz parte da coleção dos museus *Minneapolis Institute of Arts* e *Stark Museum of Art*.

SERVIÇO

Exposição Melissa Cody: Céus tramados

De 20 de outubro até 21 de janeiro de 2024

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h
(entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas
Agendamento on-line obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

www.masp.org.br



Melissa Cody

Foto: Reed Rahn / Reprodução



Foto: Filipe Berndt

“QUIÇAÇA”, A VIDA ATRAVÉS DO IMPENSÁVEL, DE ANA CALZAVARA, NA GALERIA MUL.TI.PLO, RJ

Com texto crítico de Victor Gorgulho, “Quiçaça” traz trabalhos inéditos da pintora paulista.

Mostra fica em cartaz até 1º de dezembro



Foto: Filipe Berndt

No vocabulário popular, quiçaça significa mato baixo e espinhento, capoeira de paus tortuosos e ásperos. Esse é o nome da exposição da artista Ana Calzavara que, em obras inéditas, traz à luz essas pequenas plantas rebeldes e obstinadas, que rebentam de muros descascados às gretas de uma calçada. Quem assina o texto crítico é o curador e pesquisador Victor Gorgulho. Todos os trabalhos são recentes e foram produzidos especialmente para a exposição, a primeira individual da artista no Rio de Janeiro. A mostra fica em cartaz até 1º de dezembro, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30, com entrada franca.

“Quiçaça” reúne cerca de 25 pinturas em óleo sobre tela, cinco sobre cerâmica e um tríptico de xilogravuras. Há também nove *frottages*, feitas em papel japonês com carvão, bastão a óleo, guache e pastel. *“Captei a rugosidade, a matéria bruta da rua esburacada, a selva de pedra e as plantas que vão nascendo nessas gretas”*, diz a pintora. Em suas obras, a arte insiste em brotar

nos locais mais inóspitos: *“nessa exposição eu queria trazer a graça da planta nascendo apesar das adversidades. Essa vivacidade do broto fala de insubordinação, resiliência, mas igualmente de alegria e esperança. Isso me interessa”*, resume a artista.

As pinturas de Ana Calzavara lidam com elementos aparentemente banais e corriqueiros, mas envolvidos por uma complexidade em termos pictóricos que despertam novas percepções de mundo. Segundo Maneco Müller, sócio da Mul.ti.plo, para falar da poética da artista vale lembrar uma afirmação de Ferreira Gullar (1930-2016) sobre a escrita de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): *“O que me marcou mais foi a exploração de certos aspectos muito banais da realidade que eram transformados em poesia”*. E explica: *“Calzavara tem essa rara faculdade de encontrar no ordinário, aos olhos comuns, matéria para falar de seu tempo. Essa insurgência, que se dá pelas beiras, pelos entres, é absolutamente surpreendente e contemporânea, por trazer em si uma radicalidade monumental de quem enfrenta todas essas dificuldades e obstáculos”*, diz o galerista, que comanda a casa ao lado de Stella Ramos.

A pintura de Calzavara nos convida também à fruição em um outro tempo. Em suas obras, a mesma cena pode estar repetida. *“Alguns trabalhos têm uma espécie de cacofonia, uma repetição de um pedaço da pintura, um zoom de uma das partes... É um interesse meu que vem se intensificando, um convite ao observador a desacelerar o tempo de leitura da imagem, a olhar novamente, por diferentes ângulos”*, conclui a artista.

SERVIÇO**Exposição Quiçaças – Ana Calzavara**

Até 1º de dezembro

Mul.ti.plo Espaço Arte

Rua Dias Ferreira, 417/206, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

Horário: de segunda a sexta, das 10h às 18h30

(sábados, sob agendamento)

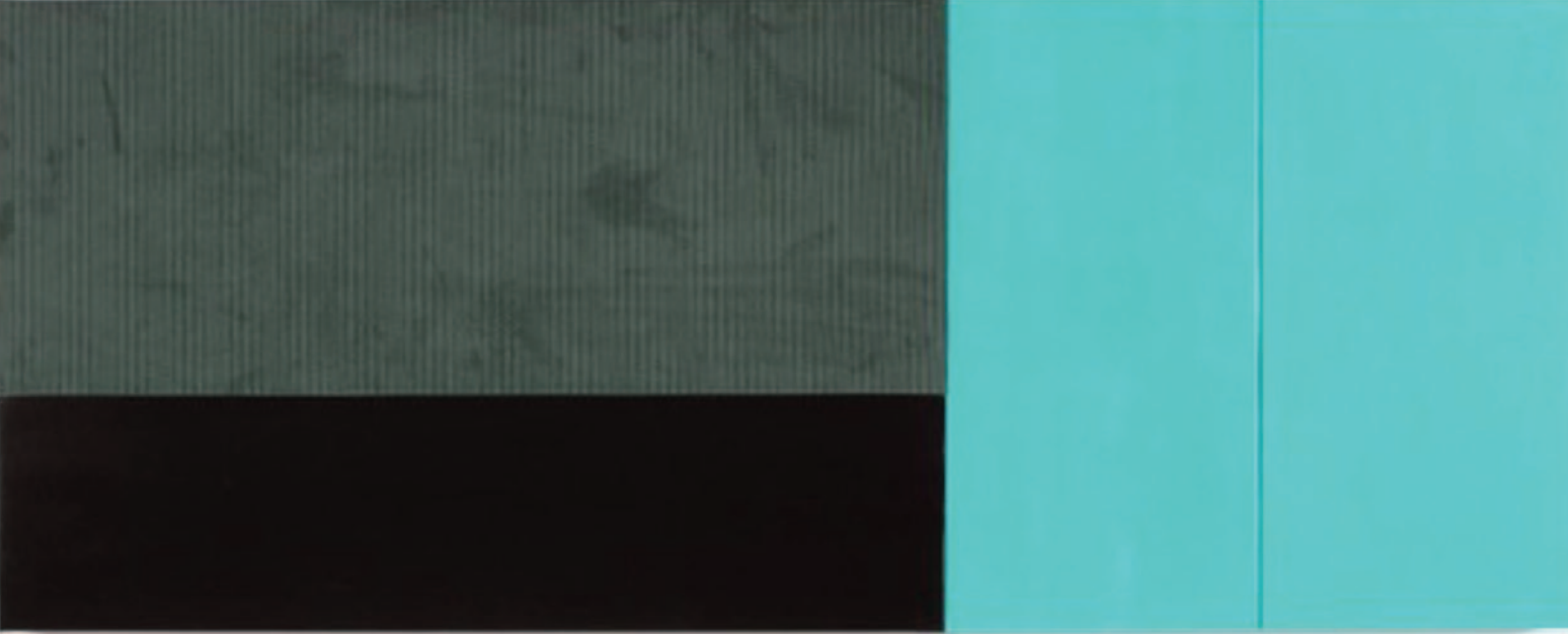
Tel.: (21) 2294-8284 / (21) 2042-0523 (WhatsApp)

Entrada franca

www.multiploespacoarte.com.br

Foto: Filipe Berndt





Elizabeth Jobim, *Sem título*, 2023

Foto: Divulgação

“A LINHA FLORESCENTE”

Galeria Raquel Arnaud, SP, exhibe pinturas inéditas de Elizabeth Jobim, realizadas durante o período da pandemia. Nas obras, a artista torna visível a interrupção e a separação dos planos de cor, por meio de marcas físicas, provocando os limites entre pintura e escultura

Os trabalhos, inéditos, apareceram na pandemia. Com o medo e a necessidade de reclusão, proteção, Jobim começou a esticar, pregar e costurar tecidos nos trabalhos que traziam uma memória da tessitura, da roupa, do abrigo. A costura é a ação que constituiu a produção da artista: pode-se ver os pontos do fio.

“A linha fluorescente” apresenta telas onde a artista redefina a relação entre planos e dimensões por meio de uma abordagem que incorpora elementos escultóricos em suas pinturas. Em vez de uma simples linha abstrata,

Jobim une esses planos por meio de marcas físicas, tornando visível a interrupção e separação dos planos de cor.

O crítico de arte Paulo Venancio descreve as pinturas da seguinte forma: “(...) a tela se organiza à maneira de um patchwork absolutamente bidimensional, uma construção de tecidos organizados e costurados fora do chassi, e como um transplante de bidimensional tornado pintura – a pele mesma pintura. Pele que atrai o tato, o contato físico da mão que advém do olhar. Essa tatibilidade, creio, já estava implícita desde os primeiros

desenhos de pedras da artista – pedras organizadas pela mão, tocadas pelas mãos".

Entre os destaques da sua produção atual está a preparação do linho e a técnica de pintura a óleo sobre tecido. Este mesmo tecido pintado também se torna base para a costura, permitindo que a obra revele seus espaços, volumes e corpos, tanto na frente quanto no verso.

A própria artista descreve sua obra de forma apaixonada: *"O campo se divide em dois, três. Um lado pintado a óleo, outro apenas em tecido, o branco do fundo e o cru do avesso à vista. O pano se desdobra e finalmente o avesso da costura se projeta para fora do plano; a tela se transformou num lugar onde panos cortados se cobrem, se unem com costuras e são esticados sobre a tela ou diretamente no chassi. Cortes, costuras, um abraço."*

SOBRE A ARTISTA

Rio de Janeiro, 1957 – vive e trabalha no Rio de Janeiro. A desenhista, pintora e gravadora Elizabeth Jobim realizou suas primeiras exposições na década de 1980, buscando uma compreensão atualizada da pintura e uma interpretação sensorial e subjetiva do mundo e dos objetos. Nos anos 1990, a artista retoma o gênero da natureza-morta ao usar como ponto de partida a observação de pequenas pedras. Nos anos 2000, Elizabeth Jobim expande e intensifica os diálogos entre a pintura e o espaço que a circunda por meio da criação de grandes instalações pictóricas com partes moduladas, cuja simplicidade sofisticada apropria-se dos espaços vazios entre as partes para acentuar não

somente as cores, mas a relação entre a obra, a arquitetura e o espectador. Seu trabalho, em contínuo processo de desprendimento da parede, ocupação do espaço e criação de vazios, adquire um caráter híbrido entre a pintura, a escultura e a instalação.

Elizabeth Jobim formou-se em Comunicação Visual e especializou-se em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela PUC-RJ. Fez mestrado na *School of Visual Arts* (Nova York). Estudou desenho e pintura com Anna Bella Geiger, Aluísio Carvão e Eduardo Sued no MAM do Rio de Janeiro. Em 1994, lecionou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Destacam-se as mostras individuais: *"Endless Lines"* (Nova York, 2008); *"Em Azul"* (SP, 2010); *"Blocos"* (RJ, 2013); *"Variações"* (RJ, 2019); entre outras.

SERVIÇO

Exposição "A linha fluorescente" – Elizabeth Jobim

Até 4 de novembro

Galeria Raquel Arnaud

Rua Fidalga, 125, Vila Madalena, São Paulo / SP

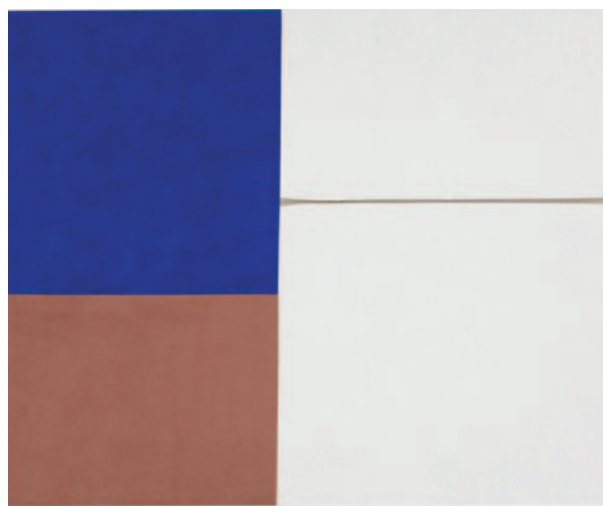
Informações: (11) 970351420 (whatsapp)

e comunica@raquelarnaud.com

Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita



Elizabeth Jobim, *Sem título*, 2023

Foto: Divulgação



Gianguido
Bonfanti
Foto: Divulgação

Gianguido Bonfanti: massas de energia no espaço

Cerca de 70 obras inéditas do mais longo professor da Escola de Artes Visuais ocuparão as Cavalariças do Parque Lage, RJ, a partir do dia 5 de outubro. Exposição celebra os 55 anos de carreira do artista

Sob a curadoria de Daniele Machado e Alberto Saraiva, diretor da EAV, desenhos, pinturas e uma grande instalação com cerâmicas – criados a partir de uma paleta seleta de cores – compõem *Gianguido Bonfanti: massas de energia no espaço*. A mostra, segundo o artista, nasceu após uma proposta instigante do diretor da EAV, que foi aluno de Bonfanti há 40 anos.

“Em julho, Alberto sugeriu que eu criasse uma série de cerâmicas para dialogar com minhas pinturas e desenhos. A partir dessa provocação, passei a pensar em soluções para uma produção inédita com argila. Desta experimentação, surgiram peças que passam por um processo de cozimento a 1.240°C”, conta.

O artista revela ainda que, nos últimos anos, investiu na redução do número de informações na pintura e no desenho, concentrando a potência em poucos elementos e gerando uma nova economia estética em seu trabalho: *“Alcançar essa simplicidade não é fácil. Chegar a uma síntese, sem perder densidade, exige um caminho longo”*, afirma.

“Gianguido opera dentro de uma tradição expressionista que abarca pintores como Lasar Segall e Iberê Camargo. Contudo, ele fez passagens do desenho para a pintura e da pintura para o espaço físico, através das cerâmicas que são seus ‘planos de energia no espaço’.

“É necessário prestar atenção nestas passagens que nos mobilizaram a selecionar as obras apresentadas na nova exposição”, comenta o diretor Alberto Saraiva.



Gianguido Bonfanti

Foto: Divulgação

Para Daniele Machado, a linha compõe com o sujeito um duo perene na obra de Bonfanti: *“O duo sujeito-linha é o tema que une as obras que existem de forma independente, sem hierarquia de valor entre as técnicas. A novidade é que são esses dois elementos o único conteúdo das obras, resultado de uma retirada progressiva de todos os outros concorrentes formais e temáticos realizada nas últimas décadas. Saíram todas as outras figuras, os corpos inteiros, os cenários, os tempos, as narrativas, as cores, as formas e os planos. Em Massas de energia no espaço, as obras se dividem entre a figuração e a abstração”*, analisa.

De acordo com a curadora, na obra de Gianguido o rosto lírico é tudo que restou do sujeito: *“Ele escapa entre as linhas sem perder a carga dramática, quando é a abstração que está em evidência. Na ambiguidade plástica da nova poética de Bonfanti há ainda um movimento intenso, cujo ritmo concilia a tradição expressiva com leveza e ludicidade”*.

SOBRE GIANGUIDO BONFANTI

Gianguido Bonfanti nasceu em 1948, em São Paulo. É o primeiro membro da família a nascer fora da Itália, tendo mantido laços estreitos com a cultura daquele país. Foi discípulo de Poty Lazzarotto de 1962 a 1966, companheiro de seu pai, o pintor italiano Gianfranco Bonfanti, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, nos anos 1940. Frequentou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ de 1968 a 1971, ano em decidiu ir para Roma e entrou para a Academia de Belas Artes. Voltou ao Brasil em 1973; em 1978, iniciou sua atividade docente na EAV Parque Lage, onde dá aulas até hoje.

Lecionou também na PUC Rio, na Faculdade da Cidade e na Casa de Cultura Laura Alvim. Entre as mais recentes exposições individuais das quais participou destacam-se: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2000 e 2002; Museu Metropolitano de Curitiba, Paraná, 2004; *Galerie le Troisième Oeil*, Paris, França, 2005; *Galerie le Troisième Oeil*, Bordeaux, França, 2006; Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2009; Gustavo Rebello Arte, Rio de Janeiro, 2010; Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2017; Galeria Wozen, Lisboa, Portugal, 2017; *Galerie le Troisième Oeil*, Paris, França, 2017.

SERVIÇO

Exposição Gianguido Bonfanti:

Massas de Energia no Espaço

Inauguração: 5 de outubro, às 19h

Temporada pública: de 6 de outubro a 7 de janeiro de 2024

Cavaliarias e Capelinha da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2216-8505

Visitação: de quinta a terça, das 10h às 17h

(a exposição não abre às quartas)

Gratuito | Aberto ao público | Classificação livre

Website: <http://eavparquelage.rj.gov.br/>



Gianguido
Bonfanti

Foto: Diana Sandes

PRIMEIRA INDIVIDUAL DE RENÉ MACHADO EM MINAS GERAIS

Após apresentar suas obras no The Town-SP e ser sucesso na ArtRio, artista plástico leva série “Compositions” para Lemos de Sá Galeria



René
Machado
Foto:
Leo Aversa



René Machado

Foto: Leo Aversa

O carioca René Machado entrou no ranking dos 10 artistas mais procurados pelos colecionadores dentro do marketplace da ArtRio (realizada entre os dias 13 e 17 de setembro), uma das maiores feiras do segmento da América Latina, onde, inclusive, teve *sold out* em sua primeira individual. René também levou suas obras para os telões, backstage e camarins do Palco The One, do The Town-SP. Agora, com texto crítico de Vanda Klabin, exhibe 10 obras da série “*Compositions*” na capital mineira.

“Tenho muitos amigos e muitas andanças em Minas Gerais; estou feliz em fazer minha primeira individual na cidade de Belo Horizonte”, afirma o artista, que é um dos indicados ao Prêmio Pipa 2023, o mais prestigiado prêmio da arte contemporânea brasileira. Suas obras figuram em coleções importantes, entre as quais, Luciano Benetton e coleção Fadel. Em 2020, René criou a Casa Arlette, na Gávea, Rio de Janeiro, um centro de produção artística contemporânea, que além dos artistas residentes, se tornou um espaço de encontro entre intelectuais dos gêneros da arte.

Formado pela Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, René Machado tem na pintura seu foco principal. Sua obra se insere em uma linhagem de artistas que buscam vasculhar as possibilidades da pintura depois dos estrondos técnicos, visuais e conceituais causados pela Pop Art ou, ainda, pelas pinturas tragicômicas dos neoexpressionistas dos anos 1980. Prince, Richter e Wool, são alguns dos nomes que na arte atual têm se aventurado a evocar e reprocessar as obras de nomes como Warhol ou Polke, sem, no entanto, temer as suas figuras e conquistas históricas singulares.

SUCESSO NA ARTRIO

No primeiro dia de evento, René recebeu o selo do crítico e curador Paulo Herkenhoff, que escolhe algu-



René Machado
Foto: Leo Aversa

mas obras específicas, se tornando uma referência com a chancela de doação para o Museu Nacional de Belas Artes. Com o selo *"Doe essa obra ao Museu Nacional de Belas Artes"*, uma das telas da série *"Compositions"*, poderá ocupar um dos museus mais importantes do mundo. Paulo foi curador-chefe do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o MAM-RJ; curador adjunto no departamento de pintura e escultura do Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA; diretor-geral do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e o primeiro diretor cultural do Museu de Arte do Rio, o MAR.

ROCK IN RIO E THE TOWN

Desde 2017, René é responsável pela criação artística dos painéis exibidos nos bastidores do Palco Sunset do

Rock in Rio. Este ano, na primeira edição do The Town, em São Paulo – a convite de Ana Biavaschi, diretora de cenografia do The Town e do Rock in Rio – o artista participou com sua nova série *"Compositions"*.

SERVIÇO

Exposição *"Compositions"* — René Machado

Até 20 de outubro

Lemos de Sá Galeria

R. Germano Chati, 255, Mangabeiras, Belo Horizonte / MG

Horários: de Segunda a sexta-feira, de 10h às 17h;

sábado de 10h às 13h

Agende sua visita:

<https://www.lemosdesagaleria.com/exposicoes>

Informações: <https://www.instagram.com/renemachado/>

ONÇA-PINTADA: conheça
LÚCIA MARTINS COELHO BARBOSA,
a artista sul-mato-grossense que transforma
o felino do Pantanal em arte pela sua preservação

Bruno Calixto



Lúcia Martins Coelho Barbosa,
Eclipse Oculto, 2019
Foto: Divulgação

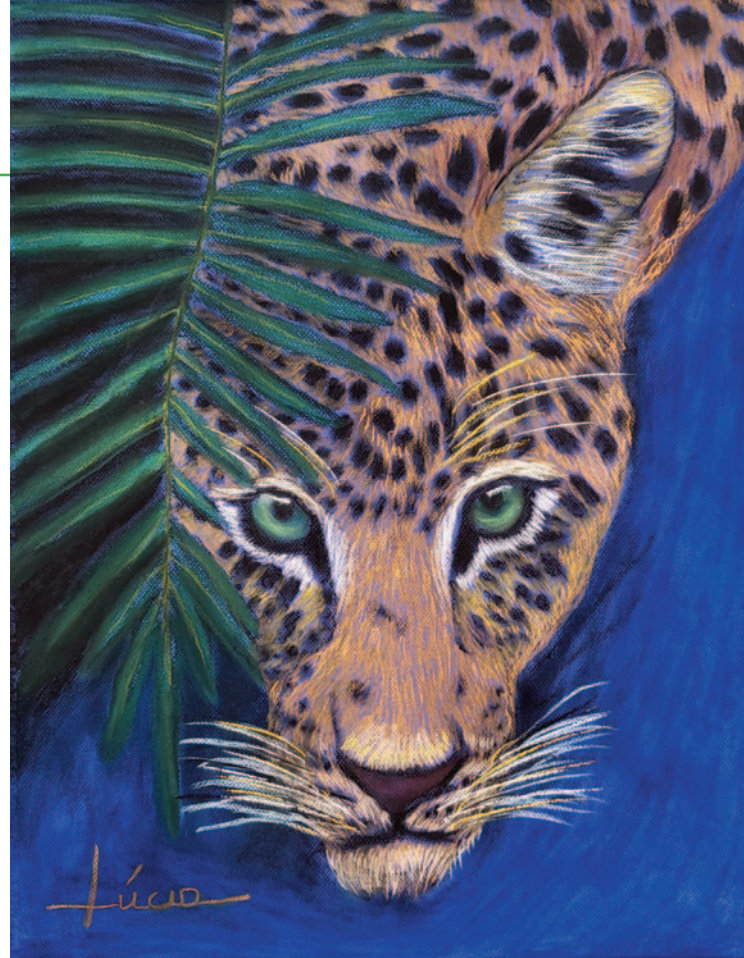
Adugo é onça na língua dos indígenas Bororo, é como Lúcia Martins Coelho Barbosa gostaria de ter sido chamada na infância, mas seu pai proibiu. Aos 65 anos, a artesã e artista plástica nascida em Campo Grande (MS) pode responder pelo nome que bem entender. Não só isso, há quase três décadas, ela convive com um fascínio que virou ofício: transformar as onças do Pantanal em esplendorosas obras de arte.

Desde 1991, ela recorre à técnica do pastel seco sobre papel para imprimir detalhes que não escapam aos olhos, os pelinhos minuciosos do felino que é a marca do Pantanal. Olho, boca, peito... Textura aveludada, tons de amarelo, mostarda... Nada fica de fora do trabalho de Lúcia, que reúne em seu ateliê cerca dezenas de onças (literalmente) pintadas, todas diferentes umas das outras.

“Ainda menina, eu via que matavam as onças aqui no Mato Grosso do Sul, e eu ficava muito injuriada. Às vezes, elas comiam os bezerros por falta de animais silvestres”, conta. “Como pode um animal que está no topo da cadeia morrer assim, de forma tão estúpida, pelas mãos do homem?”

Graduada em História numa faculdade católica, ela passou dez dias numa aldeia em meados dos anos 1990, junto aos povos Bororo, aperfeiçoando as habilidades em “arte plumária” indígena Bororo. Dali tudo mudou em sua trajetória artística.

“Você não é bicho de quatro pés, você é bicho que avoa” disse-lhe o homem mais velho da aldeia, Seu Antonio Canajó. Lúcia descobriu que o tal bicho que avoa



Lúcia Martins Coelho Barbosa, *Eternamente Onça*, 2021
Foto: Divulgação

era *Cibae Ekureudo*, arara amarela, novamente segundo o dicionário Bororo.

ONÇA POR TODOS OS CANTOS

Além de um animal belíssimo, a onça, enquanto topo de cadeia, presta um grande e importante serviço ao bioma pantaneiro. No portfólio de Lúcia, é fácil constatar que ela é talvez a maior representante da arte de reproduzir as onças do estado que detém 65% do Pantanal (os outros 35% são divididos entre o vizinho Mato Grosso, a Bolívia e o Paraguai), através de cores vivas em seus quadros, manifestando seu amor, talento e pacifismo.

“Desde 1992 eu faço onças pintadas. Meu trabalho é todo executado com giz pastel, eu não uso a ponta do lápis, eu uso a ponta do giz. Mas como o giz não tem

ponta, fui apurando uma técnica de ir fazendo a ponta à medida que vou utilizando.”

Cada onça fica pronta em três ou quatro dias, em média, quando não tem os detalhes do pelinho. No caso das mais minuciosas, de duas a três semanas. *“Nunca faço uma obra sozinha, mas várias ao mesmo tempo.”*

Chama atenção o brilho nos olhos das onças-pintadas de Lúcia, enaltecendo este universo fascinante e enigmático do Pantanal. Evidente na obra *“Eclipse oculto”*, de 2019, e também em *“Eternamente onça”*, de 2021. Entre as peças mais curiosas, *“Para os olhos do Pe. Afonso”* (2016) é uma homenagem a um amigo antigo de Lúcia; *“Onça em Minas Gerais”*, com a bandeira do estado mineiro e as malhas da onça, em homenagem ao pai mineiro; *“Na espera”*, a onça esperando a caça; *“Grafismo Xinguano”* (2016), no qual a onça está entre os “x” e “y” recorrentes do grafismo dos povos indígenas do Xingu, e *“Multionça”* (2020), com as cores do arco-íris, enviada para o filho, Paulo Machado, atualmente morando em Barcelona. A maior parte está em exposição no seu ateliê, em Campo Grande.

Um dos herdeiros da artista, o chef Paulo Machado é uma espécie de embaixador da gastronomia pantaneira no Brasil e no mundo, criador da Rota Gastronômica Pantaneira e curador do Circuito Gastronômico de Campo Grande, que estreou este ano deixando um legado na capital sul-mato-grossense: ao menos 67 casas com um ou mais pratos da culinária local. Radicado na Espanha, ele realiza anualmente mais ou

menos dez expedições do Food Safari, um programa dele em todas as regiões do planeta, do Peru ao Japão, passando pelos Pirineus. Paulo Machado é também um grande incentivador do trabalho da mãe, atuando como seu mecenas particular.

Mãe de três e avó de quatro, Lúcia Martins Coelho Barbosa sempre fez questão de expor seu antagonismo visceral à guerra, qualquer guerra, fazendo uso, apesar da crueza do tema, de cores vivas, vivíssimas!

No Brasil, é proibido o comércio de espécimes da fauna silvestre e de produtos e objetos que impliquem na sua caça, perseguição, destruição ou apanha. O Projeto de Lei 808/22 criou o programa Lei da Onça para oferecer proteção especial a felinos como a onça-pintada e a onça-parda, entre outros. O texto define como crime ambiental grave a caça e o abate desses animais.



Lúcia Martins Coelho Barbosa, *Para os olhos do Pe. Afonso*, 2016

Foto: Divulgação

FIO PARTIDO

Alejandra González Soca



Foto: Comunicación Comuna Canaria

*... .. através do fio partido da memória,
chega ao velho labirinto...
Nunca à entrada ou à saída.*

Susana Soca (1959-62) – “Laberinto”, En un país de la memoria

Há muitos anos venho trabalhando na intervenção transitória de espaços naturais e construídos, estabelecendo relações com formas e cargas simbólicas preexistentes e reconhecíveis. Buscando, a cada vez, gerar tramas significativas com todos que interagem com elas, em sua interconexão espacial, sensorial e temporal.

A instalação *Fio Partido* foi exibida pela primeira vez em 2014, durante dois dias, na Capela Soca, construção do arquiteto catalão Antoni Bonet, situada no povoado de mesmo nome, no Uruguai. Este ano a obra foi novamente comissionada para ser exibida no marco da 5ª Bienal de Montevidéu, com curadoria geral de Alfons Hug e co-curadoria de Rulfo Alvarez. Como é comum acontecer na vida, as obras de arte, vira e mexe, também são convocadas a regressar.

A peça – um volume macio em forma de pirâmide, com base triangular de 5 metros de altura – integrou-se em diálogo com a estrutura particular de ferro e vidros coloridos das paredes da capela. Esse volume foi construído com mais de 40 vestidos de noiva, coletados para a ocasião. Vestidos usados e emprestados, portadores de histórias mudas, que constituíam uma unidade em sua diversidade de texturas, de antiguidade e de cargas afetivas.

Este novo corpo de corpos foi instalado, em sua primeira aparição, numa capela virgem, vazia, sem ser consagrada, onde a matriz reverberava numa atmosfera sonora sem fim, ativando cada um dos elementos e trânsitos que sucederam.

Em seu texto curatorial, Jorge Francisco Soto (2014) escreve: *“A solitária luz de cores, encerrada durante anos*

no espaço, deposita-se agora sobre uma quantidade de vestidos de noiva. Dezenas de histórias sem corpo no corpo ritual de uma capela vazia... Durante um ano, a artista reuniu dezenas de vestidos de noiva e de histórias reais, que exhibe à maneira de um altar pagão, em outro altar – o desta escultura de vanguarda. Com ele, Alejandra González Soca nos apresenta múltiplas peripécias de outras mulheres.”

O processo de coletar novamente os vestidos custou mais de um ano de contatos, redes e conexões, gerando processos de ativação da memória, que se atualizava em cada entrega, com cada história. A reaparição do objeto enraizado na cultura familiar, de gênero e popular, ativa conteúdos que circulam entre a memória e os rituais de trânsito. Esta inserção de um projeto num espaço não tradicional dentro do circuito de arte, conectou-se, além disso, com a obra de uma personagem também periférica em seu tempo – a poeta e mecenas Susana Soca –, excluída da legitimação, com uma obra que não solucionou sua expectativa e nem dos demais, em vida.

A obra sugere a possibilidade de atualizar o passado para indagar sobre o presente, a partir do resgate patrimonial das raridades. Nem sempre as pessoas que trazem os vestidos são as que os usaram; são muitas as trajetórias que cada peça empreende. Raramente essas pessoas vêm sós; aparecem de vários ângulos e chamam outras. A instalação estabelece um jogo entre o íntimo e o afetivo/pessoal, num mundo tão imanente, que se desloca à categoria do coletivo que se torna público, com toda a carga que esta esfera traz, tanto no âmbito do desenvolvimento quanto do político, do reconhecimento, da liberdade e da transcendência.

Com este chamado para retornar, começou uma nova convocação para quem quisesse participar, já que os vestidos que foram integrados na primeira instalação tinham sido devolvidos. Este processo, desenvolvido ao longo dos últimos seis meses e que se realizou através de redes sociais e afetivas, também foi bastante divulgado na imprensa escrita. Em menos tempo, muitas peças retornaram – e isso estimulou outras pessoas a se aproximarem da proposta. Dessa forma, muitas conexões novas foram geradas.

Na reedição desta obra, mais de sessenta peças afluíram – e darão corpo a um ser-outro, que será instalado num espaço potente, que se desloca de cargas simbólicas do altar de corpos têxteis rituais para um lugar consagrado às leis seculares: o Salão dos Passos Perdidos, dentro do Palácio Legislativo do Uruguai.

No contexto de minha proposta, a expectativa é que estas estruturas funcionem, inclusive, em outras direções. Nesta espacialidade, os sentidos projetam uma vivência que excede a forma. A instalação não se circunscreve aos objetos, nem à estrutura que os contêm, com sua história e seus antecedentes; antes, propõe-se a funcionar no “espaço-entre”. Ainda assim, os elementos não são aleatórios, mas estão marcados por uma intenção – mesmo que não totalmente revelados, gerando camadas de significados nas quais se superpõem contexto-objeto-sentidos-história, assim como sua projeção e ressignificação a partir de um olhar contemporâneo.

Exibir uma peça que depende da participação implica um certo salto no vazio. O núcleo da própria obra é a

potência da possibilidade. As estruturas porosas que estimulam um “querer ser parte” acabam por propor um diálogo. A participação permite a disseminação dessas mensagens, a volatilidade dos conteúdos, uma fluidez que pretende “pular” a rigidez doutrinária. Implica um encontro – o gesto executado em comum de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Quando essas redes se ativam, a energia transita com uma força que atravessa os corpos.

Fio Partido é um dos destaques da 5ª. Bienal de Montevideu Salão dos Passos Perdidos – Palácio Legislativo do Uruguai De 25 de outubro a 30 de novembro

Alejandra González Soca

Foto: Manuel Gianoni





Foto: Divulgação

PEGADAS DO PEQUENO PRÍNCIPE NO RIO DE JANEIRO

Exposição sensorial e imersiva para quem aprendeu que o essencial é invisível aos olhos e só se vê bem com o coração celebra os 80 anos de um dos livros mais lidos do mundo

O *Pequeno Príncipe* chega no RIOSUL Shopping com exposição inédita em de 10 ambientes. E ocupa uma área de 600 m², integrando tecnologia, cenários interativos e espaços instagramáveis. É a magia das estrelas no cenário vibrante do Rio de Janeiro promovendo aos visitantes de todas as idades uma viagem às páginas desse clássico atemporal. O espetáculo combina a essência da história que cativou corações ao redor do mundo com cenários deslumbrantes: a exposição é

muito mais do que uma simples mostra literária – é uma imersão profunda em um mundo de aventura, reflexão e descobertas.

A exposição "*Pegadas do Pequeno Príncipe*" tem curadoria assinada pela Dra. Mônica Cristina Corrêa, a maior especialista do Brasil no tema. Ela traz à exposição um olhar expert, revelando detalhes e nuances que enriquecem a experiência dos visitantes, tornando-

a uma jornada inesquecível pelo universo do Pequeno Príncipe. "Percorrendo a exposição, o público poderá redescobrir a obra seguindo as pegadas do pequeno príncipe, que são também as do seu autor. Um mundo fascinante e rico de conhecimento e beleza que deixam claro por que O Pequeno Príncipe faz 80 anos sem envelhecer e prometendo estar na moda daqui a outros 80", explica Mônica.

"Elementos de design cuidadosamente concebidos se unem à tecnologia para transmitir ensinamentos pro-

fundos de forma cativante, enriquecendo a mente enquanto encantam os sentidos", diz Felipe Reif, sócio da Deeplab Project, correalizadora da exposição. "Uma experiência inesquecível, na qual o público é convidado a fazer parte da obra mais lida da literatura mundial", completa João Almendra, sócio da BGO, outra correalizadora.

PERCORRENDO A EXPOSIÇÃO

Ao longo dos seus 80 anos, *O Pequeno Príncipe* conquistou uma legião de admiradores que vivem os aprendizados e as pegadas do herói por toda a vida.



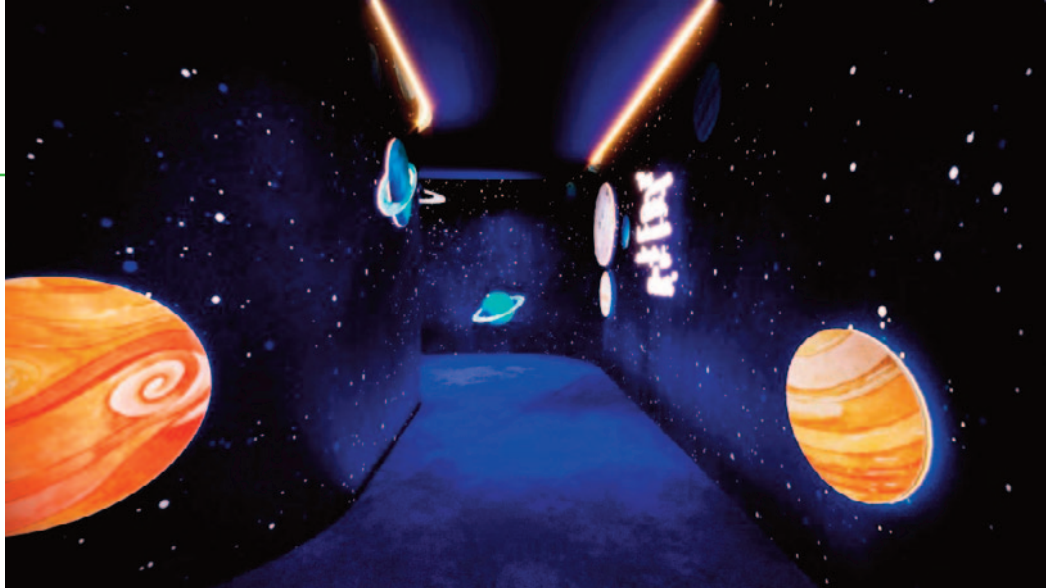


Foto: Divulgação

Para esses fãs, a exposição será uma oportunidade de ir fundo em cada detalhe da obra e vida de Antoine Saint-Exupéry.

Com um total de 10 salas, o público inicia a visita fazendo uma viagem pelo universo de Antoine de Saint-Exupéry. Em uma reprodução do escritório do autor, o clima do início do século passado – mobiliário, trilha sonora, figurinos, objetos pessoais e rascunhos do escritor, até as páginas do livro. Referências marcantes da obra, das viagens do autor feitas no Brasil, de momentos que falam sobre o olhar puro que somente as crianças possuem, como a lição sobre o Chapéu, o Elefante e a Jiboia e O Carneiro Dentro da Caixa, estão presentes nas salas seguintes. Na sala dos asteroides, o público vai interagir com cada planeta e seus moradores, visitado pelo pequeno herói antes de sua chegada no deserto, outro local que será explorado pelos visitantes em uma sala com texturas e a instalação do Breguet-14, um dos aviões usado pelo autor ao longo de sua vida.

O olhar sobre o cuidado com o planeta de Saint-Exupéry ganha uma sala com cenas da Terra em projeções em 360°.

HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE

Além de celebrar os 80 anos da primeira edição da obra de Antoine de Saint-Exupéry, *"Pegadas do Pequeno Príncipe"* tem outro propósito: destinar 10% da arrecadação da bilheteria ao Hospital Pequeno Príncipe, o mais reconhecido hospital exclusivamente pediátrico do país, localizado em Curitiba, no Paraná. A iniciativa busca contribuir com o funcionamento do complexo e com uma melhor saúde infantil para a sociedade.

SERVIÇO

Exposição Sensorial e Imersiva

Pegadas do Pequeno Príncipe

RIOSUL Shopping – 2º piso

Rua Lauro Müller, 116, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

A partir de 4 de outubro

*Dias de visita*ção: terça a domingo

Horário de funcionamento: terça a sábado – 10h20 às 21h
dom - 12h20 às 20h

Classificação: Livre

Valores dos ingressos: a partir de R\$ 19,80 (meia)





MAPA,
Evento
inédito
de arte
pública
será
lançado,
dia 9,
em Itabira
(MG)

Kobra, Beijo
Foto: Daniel Rossi

*O MAPA – Mostra de Arte Pública – contará com participação de artistas renomados e criará um circuito de arte urbana na cidade;
Eduardo Kobra fará pintura que homenageia Carlos Drummond de Andrade*

Entre os dias 9 e 15 de outubro, a cidade de Itabira (MG), recebe a primeira edição do MAPA, festival de arte pública que visa criar um circuito de arte urbana na cidade com participação de artistas celebrados como Eduardo Kobra, Zéh Palito, Mag Magrela e o italiano Millo. O objetivo é potencializar a arte e a cultura por meio de pinturas em empenas e instalações públicas, lançando novos olhares e cores sobre o patrimônio cultural de Itabira, criando uma galeria a céu aberto.

Entre as pinturas, a de Eduardo Kobra merece destaque: o artista fará uma homenagem ao itabirano mais ilustre, Carlos Drummond de Andrade. O poeta será representado em uma empena de 32 metros de altura, localizada no Hotel IT (Avenida Duque de Caxias, 1220, Centro de Itabira). Drummond foi o poeta brasileiro mais influente do século XX e o muralista Kobra já levou seu olhar para cinco continentes, com obras de *street art* de dimensões tão extensas que quebraram recordes. Agora, o poeta mineiro – que já foi reverenciado em estátuas, filmes, músicas e até em cédulas de dinheiro – será celebrado no maior mural já feito em sua homenagem, em Itabira, sua cidade natal.

Com o propósito de gerar conexões e intercâmbios entre os artistas de fora, os artistas locais, a população e os visitantes, o festival contará com uma programação ampla, gratuita e para públicos de todas as idades. Além das pinturas, haverá shows, oficinas, performances e outras intervenções urbanas. *“Chegamos para plantar a semente da arte pública em Itabira, fo-*

mentar o surgimento de novos artistas e celebrar a criação do circuito de arte pública na cidade”, comenta Juliana Flores, curadora do festival.

O evento começa no mesmo dia do aniversário da cidade, que completa 175 anos no dia 9 de outubro. *“Como um presente para a cidade, o MAPA trará grandes nomes da cena da arte pública nacional e internacional, homenageará Carlos Drummond de Andrade, prestigiará artistas locais por meio de uma convocatória e trará obras permanentes para Itabira”*, completa Marco Antônio Lage, prefeito de Itabira.

Além de circular e conectar territórios e movimentos artísticos através da arte pública e contemporânea, o festival mapeia histórias, pessoas e espaços da cidade: propõe o deslocamento dos que caminham por Itabira, alterando o cotidiano e permitindo a redescoberta do território. Por isso, além de nomes consagrados na cena da arte pública, a curadoria convidou artistas da cidade, como a grafiteira Raquel Bolinho, que criará uma escultura permanente de 3,5 metros de altura. Em paralelo, abriu uma convocatória exclusiva para artistas itabiranos se inscreverem.

SERVIÇO

MAPA – Mostra de Arte Pública Itabira

Data: 9 a 15 de outubro

Local: Centro de Itabira (MG)

Instagram: [@mapa.festival](https://www.instagram.com/mapa.festival)

Site: mapafestival.com.br



Foto: Divulgação

CABOCLOS DA AMAZÔNIA: ARQUITETURA, DESIGN E MÚSICA, no museu A CASA do Objeto Brasileiro, SP

A exposição faz sua estreia em São Paulo, após temporada inaugural em Belém do Pará, em maio de 2022, com o apoio do Instituto Cultural Vale. Concebida pelo designer paraense Carlos Alcantarino, a mostra celebra e resalta a autêntica essência do rico universo da arquitetura, do design e das expressões artísticas do Estado do Pará.

Ao longo de suas incursões pelas comunidades da ilha de Marajó, incluindo Afuá, e da ilha do Combu, situada em Belém, Alcantarino documentou suas impressões da paisagem amazônica. Elementos do cotidiano, como a elevação das habitações para proteção contra as cheias das marés, a vibrante paleta de cores das casas, a música regional e as elaboradas inscrições nas em-



Fotos: Divulgação



barcações, minuciosamente confeccionadas pelos talentosos artistas conhecidos como “abridores de letra”, coexistiam de maneira harmoniosa em seu cenário. Tais registros revelam conceitos originais, que desafiam as normas estéticas convencionais e capturam a rica atmosfera cultural vivenciada pelos caboclos que habitam a floresta.

A mostra apresenta uma coleção diversificada com mais de 300 peças, organizadas em quatro categorias distintas: *Arquitetura e Interiores*, *Objetos*, *Letras* e *Música*.

A seção de **“Arquitetura e Interiores”** exibe uma coleção de fotografias das ilhas do Marajó e do Combu, enfatizando a arquitetura única das casas de ribeirinhos, pescadores e outros cenários da Amazônia. A cenografia é composta por tábuas de construção sem acabamento, pintadas nas cores tradicionais dessas habitações, proporcionando uma representação fiel da autêntica arquitetura cabocla em toda sua dimensão.

A área dedicada aos **“Objetos”** apresenta instalações que incluem elementos da vida cotidiana dos caboclos, como o carrinho de raspa-raspa, garrafas com ervas do Mercado Ver-o-Peso, brinquedos feitos de miriti e as pipas que são empinadas nos céus de Belém.

Na seção dedicada às **“Letras”**, os visitantes têm a oportunidade de conhecer os símbolos de comuni-

cação do caboclo amazônico, onde destacam-se os “abridores de letras”, que são os artistas responsáveis por pintar os nomes nas embarcações. As paredes são utilizadas como suporte para exibir o trabalho de alguns desses artistas, cada um com seu estilo único. No espaço dedicado à **“Música”**, a atmosfera evoca a trilha sonora dos bares situados na beira das estradas do interior da região: carimbó, guitarrada e festa de aparelhagem.

SOBRE CARLOS ALCANTARINO

Nasceu em Belém do Pará, em 1958, e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1982, onde vive. Designer autodidata, possui graduação em engenharia civil com mestrado pela PUC - Rio. Em 1996 montou o Estúdio Alcantarino, especializado no desenvolvimento de móveis e objetos utilitários, projetos arquitetônicos e cenográficos e consultoria em design. Tem se destacado na área de design sustentável e socioambiental com seu projeto *Experiência Design*. Já participou de inúmeras exposições internacionais e ganhou os principais prêmios de design no Brasil e exterior.

SERVIÇO

Exposição Caboclos da Amazônia: Arquitetura, Design, Música

Até 7 de janeiro de 2024

Museu A CASA do Objeto Brasileiro | www.acasa.org.br

Av. Pedroso de Moraes, 1216, Pinheiros, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3814-971 | Entrada gratuita | Amigável aos animais

Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h30

PASSAGENS, FILME DE IRA SACHS, NA MUBI



Foto: Still divulgação

Estrelado por Adèle Exarchopoulos, Ben Whishaw e Franz Rogowski, o filme será exibido com exclusividade pela Mubi – distribuidora global, serviço de streaming e produtora, a partir do dia 6 de outubro



Foto: Still divulgação

Dirigido por Ira Sachs (*O Amor É Estranho, Melhores Amigos*) e produzido por Saïd Ben Saïd (*Elle, Bacurau*) e Michel Merkt (*Toni Erdmann*), *Passagens* é protagonizado por Ben Whishaw (*007 – Operação Skyfall, As Aventuras de Paddington, Entre Mulheres*), Franz Rogowski (*Great Freedom, Em Trânsito, Victoria*) e a vencedora da Palma de Ouro Adèle Exarchopoulos (*Azul é a Cor Mais Quente, Os Cinco Diabos*).

Situado em Paris, o drama conta a história de Tomas (Rogowski) e Martin (Whishaw), um casal gay que tem o relacionamento abalado quando Tomas começa um caso apaixonado com Agathe (Exarchopoulos), uma

mulher mais nova que ele conhece após terminar seu último filme.

Perceptivo, íntimo e descaradamente sexy, *Passagens* une o estilo geralmente terno de Sachs a uma sensibilidade exclusivamente europeia, proporcionando uma visão perspicaz e autêntica das complexidades, contradições e crueldades do amor e do desejo.

SERVIÇO

Passagens

Disponível a partir de 6 de outubro

Um lançamento MUBI

mubi.com

I Paper
★★★★★

The Observer
★★★★

The Sunday Times
★★★★

Empire
★★★★

The Guardian
★★★★

The Times
★★★★★

Evening Standard
★★★★

The Daily Telegraph
★★★★

Financial Times
★★★★

The Scotsman
★★★★

MEMÓRIAS AFETIVAS DE VIDA E ARTE

Maria Hermínia Donato



Estúdio de Duncan Grant na Charleston House

Foto: Lee Robbins

Visitar Charleston House é reviver uma memória que guardo com muito carinho. Minha primeira visita à casa e seus jardins foi um piquenique com vários amigos artistas, em comemoração ao meu aniversário. E ali fui transportada para o mundo vibrante e boêmio do Grupo Bloomsbury (London 1912) com suas ideias radicais e estilos de vida não convencionais. Inesquecível. Vanessa Bell e Duncan Grant pintaram não apenas em tela, mas sobre todas as superfícies disponíveis na casa: paredes, mesas, cadeiras, estantes. Uma explosão de vida e criatividade.

Ambos foram fundamentais na formação artística do grupo por suas abordagens vanguardistas na arte e no

design, criando interiores não habituais, surpreendentes, onde refletem com ousadia a reimaginação dos espaços. Cada cômodo da casa contém uma vibrante revelação de cores e estilos. Verdadeira fusão de arte, design, história e criatividade.

Em 1905, o grupo começa a se reunir na casa londrina de Virgínia Woolf e Vanessa Bell, para compartilhar ideias e apoiar seus projetos individuais. Eles queriam definir um novo modo de vida, livre das constrições impostas pela sociedade e religião. Acreditavam na interação entre pintura, escrita e discurso intelectual, rejeitando fronteiras tradicionais entre disciplinas. Os principais artistas do grupo eram Roger Fry, Vanessa

Foto: Lee Robbins



Bell e Duncan Grant, intelectuais como o biógrafo Lytton Strachey, o economista Maynard Keynes e o crítico de arte Clive Bell.

O Grupo Bloomsbury contribuiu significativamente para o desenvolvimento da arte moderna, do design e da literatura. Em 1916, Vanessa Bell aluga Charleston House, uma fazenda do século XVI localizada perto de Firle, East Sussex, com o artista Duncan Grant. O espaço – para eles e, por extensão, para o grupo – era uma espécie de retiro rural do agito da vida de Londres.

Aqui, abro um parêntese necessário para explicar alguns dos relacionamentos no Grupo Bloomsbury: Vanessa Bell casa com o crítico de arte Clive Bell e tem dois filhos, Julian (falecido em 1937 na Guerra Civil Espanhola) e Quentin (artista e ceramista). O casamento era aberto e ambos tiveram amantes ao longo de suas vidas. Bell teve casos com o crítico de arte Roger Fry e com o pintor Duncan Grant, com quem teve uma filha, Angelica.

Nas palavras de Dorothy Parker, escritora americana, os membros do grupo *“viviam em quadrados (referência a área aonde moravam Bloomsbury Square), pintavam círculos e amavam em triângulos.”*

Charleston continua a inspirar e educar visitantes, não só pela associação com o Grupo Bloomsbury mas também com o legado do Omega Workshops, fundado por Roger Fry (1913). Móveis, tecidos e acessórios para casa eram projetados e fabricados sob a supervisão de



Foto: Maria Herminia Donato

artistas. Seus diretores Roger Fry, Vanessa Bell e Duncan Grant procuravam eliminar a divisão entre arte e design, incorporando ideias do modernismo com suas cores vivas e formas simplificadas.

BIBLIOTECA

Um ambiente austero com paredes pretas, cadeiras



Foto: Lewis Ronald

venezianas, painel da porta inspirado numa pintura Italiana. Era o local de leitura de Clive Bell e onde escritores, artistas e intelectuais se reuniam. Os livros mostram a mistura eclética de arte e literatura, refletindo os diversos interesses do grupo.

O ESTÚDIO

Foi o lugar onde, ao entrar, senti a presença dos dois artistas pelos trabalhos, objetos e pela quantidade de histórias de pessoas que passaram ou viveram neste espaço. Projetado por Roger Fry, foi – talvez – o espaço mais usado da casa. Vanessa e Duncan pintavam todos os dias, como uma prática quase religiosa.

A decoração da lareira – em azulejos azuis e brancos – rodeada de jovens nus pintados por Duncan; a prateleira cheia de objetos, convites, cartões postais, fotografias, recortes de imprensa; o fogão Pither, bem em frente à lareira e ladeado por poltronas, faz do ambiente um local convidativo para leitura, para ouvir música ou receber amigos.

Até a Segunda Guerra, quando Vanessa mandou construir seu próprio estúdio no topo da casa, ela e Duncan trabalharam juntos. Na cristaleira que pertenceu ao escritor WM Thackeray, vemos uma coleção eclética cerâmicas de Quentin Bell, além de copos, jarras, pratos.

O JARDIM

Ponto alto da minha visita – estava todo florido e com as macieiras repletas de frutos. Fonte de inspiração para os artistas, encanta com suas cores, perfumes, formas e movimento. Em 1916, os jardins eram dedicados ao cultivo de alimentos e repletos de árvores frutíferas e vegetais. No final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, foram redesenhados por Roger Fry. O grande lago de carpas fica na entrada da casa, protegido por árvores baixas e immortalizado em inúmeras pinturas.

O Grupo Bloomsbury era progressista sobre questões sociais, feminismo, direitos LGBT+ e a liberdade sexual. Desafiando as normas de sua época era defensor da igualdade e individualidade de cada um. Embora o grupo tenha origem no Reino Unido, suas ideias, obras e trabalhos literários alcançaram um público global.

SERVIÇO

Charleston House

Firle, Lewes BN8 6LL

<https://www.charleston.org.uk>

Frances Partridge, Quentin e Julian Bell, Duncan Grant, Clive Bell, Beatrice Mayor, Roger Fry e Raymond Mortimer
Foto: The Charleston Trust



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868